



FORAM DEMASIADOS OS COMPANHEIROS DE BERLINDE, DE PONTAPÉS EM BOLAS-DE- -TRAPO, DE CAÇA-AOS-NINHOS NAS VEREDAS DAS ALDEIAS QUE FICARAM PELO CAMINHO...

Os estudantes universitários, seleccionados nos favores da casta ou da fortuna, favorecidos no status económico e social, têm apresentado ao longo dos anos um investimento dinástico dos regimes como garantia de uma sucessão de classes na continuidade renovada do aparato seleccionador.

Privilegiados hoje, tendem a privilegiados de amanhã numa tendência estratégica que a inteligência das classes favorece taticamente como fiança da perpetuidade institucional.

Consciente da natureza instrumental da sua situação o estudante soube encontrar, no seu mais puro entusiasmo ético, a coragem da busca dos fundamentos de legitimidade.

Não podia ser de outra forma.

Foram demasiados os companheiros de berlinde, de pontapés-em-bolas-de-trapo, de caça-aos-ninhos nas veredas das aldeias, que ficaram pelo caminho entregues aos caprichos do Zodíaco... E com eles ficou a esperança de um amanhã mais humano.

O remorso de uma ascensão de privilégio, a consciência de uma instrumentalização de si próprio, o fermento de uma cultura que se sabe actuante, impuseram ao estudante a revolta por um privilégio de roleta.

E assim se assiste à sua moralização, à sua funcionalização como privilégio de responsabilidade, como privilégio-não-mais-não-obstante-os-outros-homens, mas como privilégio por-causa-dos-seus-e-para-eles.

O estudante não mais quer voltar à sua aldeia empertigado de petulância ou curvado de impotência.

O estudante quer sim voltar a ela, olhando de frente os que ficaram pelo caminho unindo o seu saber às calosidades das suas mãos para, nas jornadas de uma nova consciência, abrir os caminhos de novos horizontes para o Povo Português.

Há longos anos que a semente deste nobre ideal foi lançada à terra da nossa consciência social.

E ela germinou num caule possante de certezas teóricas, numa ramificação frondosa de vontade prática, num florir sazonal de estética moral, num frutificar de promessas rentáveis, no enraizar cada dia mais seguro dos seus suportes humanos.

Hoje, ela é uma árvore bela e grandiosa à sombra da qual trabalham e lutam os estudantes de Coimbra.

Não ocorreu, porém, sem suores esta nossa jardinagem histórica.

Durante longos anos, governantes e seus servos responsáveis tudo fizeram para dificultar o nosso trabalho, para fazer secar a nossa árvore.

As crises universitárias que a História nos conta de forma cíclica são o índice que denuncia o fenómeno que a propaganda oficial silenciou no trompetear mentalizador de que tudo vai pelo melhor no jardim-à-beira-mar-plantado. E a História denuncia ainda o seu agravamento progressivo. As crises surgiam cada vez mais sintomáticas nas suas causas, nos seus ideais, na consciência sintética de umas e outras no suporte humano duma consciência. No entanto, tudo continuava a ir pelo melhor no Reino da Dinamarca, principalmente, o indiferentismo autocrático de quem não quer ouvir, o reformismo demagógico de quem só quer calar, o escoticismo opolento dos gabinetes do Poder, a opolência exibicionista da repressão aparelhada de terrível eficiência alienatória e actuante.

No sector do ensino as crises eram um sintoma unívoco de que o corpo das estruturas se encontrava gravemente enfermo.

No sector da Universidade, as crises revelavam um drama triangular, o drama dos corpos moribundos:

-num dos vértices inferiores - qual enxerga de morto - a Universidade entregue aos vermes

da sua própria auto-destruição;

-no outro vértice oposta - qual cabeceira das responsabilidades - debatem-se os estudantes que, na sua experiência de presença e observação, na sua aplicação das provas científicas, diagnosticaram a certeza de uma morte social;

-no vértice superior, os curandeiros da respiração artificial, os optimistas da morte aparente que se recusam a diagnosticá-la real enquanto a mumificação não se destruiu nas ossadas dos desertos minoritários.

A manutenção deste drama impunha um acto de coragem. Era necessário gritar bem alto que o morto estava morto. Assim o impunha a cardio-punctura negativa de um coração que já não pulse numa Universidade empedernida, a arteriotomia negativa de um sangue coagulado no seu suicídio funcional, a rigidez da sua estrutura hierárquica, a putrefacção de um corpo que os vermes éticos, lógicos, profissionais e as lesões histológicas e anatómicas claramente revelavam na sua evidência destruidora. Era necessário gritar bem alto que o morto estava morto. Era necessário gritar bem alto que era urgente desmistificar uma falsa morte aparente e libertar os vivos da mentira, da presença conformada, de um visitismo expectante de comas duradouras.

Era necessário gritar bem alto que os estudantes, à cabeceira das responsabilidades, não animavam um moribundo, não recuperavam um ressuscitável, mas vulavam um corpo já sem vida.

Era necessário gritá-lo bem alto para que a morte dê lugar à vida, para que o suor da regeneração e a lágrima da velada deem lugar ao suor dos partos e aos choros de uma vida nova.

Era necessário um grito de coragem, um grito que desmontasse os balotins clínicos dos mandarinos da respiração artificial.

A cabeceira das responsabilidades chegaram notícias. Dizia-se que tinha chegado a Primavera e com ela os ventos calmos que transportem os pólenes fecundantes.

A nossa árvore precisava dos nossos cuidados de jardinagem. Impunha-se que ela florisse; que as brisas transportassem e disseminassem o mais possível o pólen dos seus ideais. Impunha-se trocar o boca-a-boca de uma reanimação impossível pelo ombrear das urnas inevitáveis, trocar o carpidurismo de uma velada mistificada pela coragem de um enfrentar das realidades.

Os astrólogos do optimismo oportunista troçavam horóscopos em que o novo Zodíaco parecia querer apresentar-se favorável. A juventude, embora céptica dos fados astrológicos, e determinada não por eles mas pela sua consciência dialéctica, uma vez mais sentiu que tinha o direito de exercer a sua coragem histórica.

A juventude, ousando, ingnuamente ousou, pedindo. A juventude pediu para gritar bem alto uma verdade que só os curandeiros comprometidos na eficiência de paliativos garantidos pelas suas mágicas de poder se recusavam a reconhecer.

Mas os astros, por conjugação de Neptuno e Marte, ocuparam uma posição nitidamente favorável aos curandeiros da mentira.

E assim os estudantes foram punidos por ousarem pedir o grito das verdades-inconvenientes. Pode-se senti-lo, pode-se ciciá-lo à boca-cheia, mas o que não se pode é pedir para senti-lo, o que não se pode é peticionar o Rei para ter o direito de, no cortejo, gritar bem alto que o Rei vai nu, gritar bem alto que o curandeirismo dos feiticeiros entoa rezas e danças mágicas em torno de um corpo putrefacto.

A coragem é crime grave quando os seus gritos denunciam as verdades-inconvenientes aos feiticeiros das tribus. Sobre o homem que ousa abatem-se as pragas dos comprometidos e a influência solidária das intrigas dos Merlins da Casa Real. A feiticearia fará o milagre de vestir o Rei, fará o milagre de ressuscitar os mortos e é de interesse público para a Casa Real que a metafísica do bruxedo seja um dogma popular. E assim o Rei que vai nu irá punir quem ousou gritar que ele ia nu; e assim o Rei que não ignora os sinais cadavéricos irá punir quem ousou pedir para gritar que o morto estava morto para prazer dos vermes.

Entre a verdade e o interesse público do curandeirismo optou-se por este último. Merlin tinha direito à metafísica dogmática do seu bruxedo. Quem ousou devia ser punido pela casta dos Merlins que a sua ousadia comprometeu.

A Casa Real deu voto de confiança à punição dos terapêuticos mágicos. Merlin, em concílio com toda a casta, consultou os catrapézios dos mais modernos Vedemecuns e foi peremptório:

"A Universidade, embora velha, não morreu; ela apenas se encontra enfraquecida pelo vírus da contestação ...

Este vírus é perigoso na medida em que, aos olhos dos não entendidos, faz simular a morte dos corpos medievais ...

Os estudantes foram contaminados e vêm uma morte real onde nós estamos interessados em ver apenas uma caseação temporária de vitalidade. "

Merlim, o sábio, diagnosticou. Merlim, o sábio, os curará do mal contagioso.

Na 1ª fase da doença, Merlim aconselhou a seguinte terapêutica:

- um toque dado com a varinha mágica da PIDE fará desaparecer o estudante que ouse e assim revelou estar mais contaminado;
- uns toques de cacete e de coronhadas, à mistura com algumas dentadas de cães-polícia, farão uma bebida que, tomada por algumas centenas de estudantes, evitará o contágio da solidariedade - variedade do vírus da doença diagnosticada;
- umas suspensões mágicas darão o milagre do Poder que ouse violar a Lei; o milagre do Poder que fica impune a essa violação; o milagre que fará abrir as bocas de espanto e calar os gritos de denúncia contribuindo para o combate ao vírus da coragem.

A verdade, porém, é que quem ouse um dia ganha o orgulho da coragem e a visão da verdade destrói o boquiabertismo dos tementes dos feitiços repressivos.

O receituário de Merlim baseado nos êxitos terapêuticos de bruxos do passado, assim como o seu diagnóstico baseado nos palpites internacionalísticos dos bruxos do presente, revelaram-se inoperantes nesta primeira fase. O vírus da solidariedade só se combate com o soro da justiça e nunca com o da violência. Daí que o contágio se alastrasse de forma generalizada com novos sintomas de coragem.

Na sua alternativa de solidariedade os estudantes de Coimbra dignificaram a ética de uma camaradagem que define o homem solidário; dignificaram a maturidade de uma consciência de grupo que se honra na defesa dos seus representantes; dignificaram uma consciência de unidade que se baseia essencialmente na defesa da sua dignidade; dignificaram um sentimento de justiça, de intuição comunitária; dignificaram uma coragem que dignificará o homem português.

É o imperativo desta dignidade pluridimensional foi a fonte de um novo brado colectivo, impressionante de força, impressionante de convicção, impressionante de contágio.

A coragem de pedir a ousadia de gritar algumas verdades no cortejo real juntou-se a coragem de gritar bem alto a solidariedade, a dignidade do estudante-novo, a coragem de gritar que os estudantes não só não acreditavam como não temiam a mágica do Poder repressivo.

O brado colectivo ecoou a nível nacional. Tanto bastou para que se tomasse a difusão dos vírus que a prudência de casta quis diagnosticar. Tanto bastou para que se entrasse em nova fase de terapêuticas repressivas:

- com um toque de varinha encerrou-se a Universidade, a fim de que cessadas as visitas cessasse o contágio;
- esconjurou-se o aceno dos estudantes aos órgãos da informação e esconjuraram-se todas as tentativas de boa vontade num deslumbrente desprezo pelos Professores e pelos interesses da cidade de Coimbra e da Nação Portuguesa.

Uma vez mais, porém, as bruxarias da violência fracassaram na sua impotência terapêutica.

A Assembleia Magna de 28 de Maio era um claro sinal de que a pseudo epidemia diagnosticada por Merlim efectava agora toda uma Academia possuída pela coragem dos sacrifícios que honram as tomadas de posição.

E, assim, na Casa Real e no concílio dos feiticeiros se decretou, sábiamente, que à terceira é de vez.

O êxito seria assegurado. No receituário de violência repressiva a experiência histórica arquivou uma gama vastíssima de truques repressivos:

A Universidade putrefacta foi cercada pelo cordão sanitário dos homens e saldo dos curandeiros milagrosos a fim de evitar o contágio e permitir o êxito do golpe mágico. Nela entrariam apenas os que apresentassem um certificado de vacina contra todos os vírus que contaminam as juventudes generosas. Apenas seriam permitidas entradas aos iniciados nos segredos das montagens mágicas, aos inoculados pelas vacinas do regime. Confiava-se no seu doprimento a fim de dar credibilidade aos já planeados boletins clínicos que propalariam melhoras milagrosas, que renovariam a confiança no ressuscitar dos mortos. Os exames dos vacinados nas bebidas dos que servem, atrevido, seriam propalados como fiança de sinais da vida de um corpo onde só os vermes se moviam. Pensou-se mesmo numa inteligente campanha de vacinação colectiva, no soro do aliciamento, da chantagem económica, do consócio temporal, da angústia dos sacrifícios sem esperança, do medo dos amargados.

A verdade, porém, é que o tempo corre a favor da decomposição putrefactiva, a favor do multiplicar dos vermes e dos insectos da morte, a favor da disseminação dos gases da verdade. Mas o odor destes gases só as consciências dos covairos, habituadas no cumprimento do dever profissional, suportam, sem perturbações do olfacto ético. E as mágicas do monopólio da informação cada vez mais se denunciam no seu perfumar de mentira.

É assim, no cortejo real, novos gritos se fazem ouvir e Marlín perde a ingênua bon-fé, desiludidos no incenso da mentira, dos optimistas da morte aparente.

Porém, nos reinos medievais, quando Marlín falha não falham os besteiros, não falhará o caldeirão do azoite repressivo.

É desta forma se abriam as prisões, se iniciaram os processos disciplinares e criminaes, se converteram suspensões em expulsões, se tornou deserta uma cidade para que os gritos não fossem escutados, se emesçou com o próprio deserto do Calahari, na recordação das colonizações repressivas.

A verdade, porém, é que haverá sempre um Tuaregue que transportará os gritos dos que clamam nos oásis da justiça.

A verdade, porém, é que hoje mais do que nunca a Universidade do Coimbra se putrefez a tal ponto que, mesmo nas aldeias do Minho ou nas praças do Algarve se começa a exigir a urna da Verdade perante a falência da mentira do perfume.

Hoje mais do que nunca se expandirão os vírus da solidariedade que, cultivados na injusta punição de oito colegas, se multiplicarão na cultura ideal de centenas reprimidos.

A tentação da luta pela justiça é tanto maior quanto maior é a injustiça. A tentação por gritar bem alto a putrefacção de uma Universidade é tanto maior quanto mais se multiplicarem os vózes, se definir a rigidez das suas estruturas, se coagular o sangue dos seus vasos comunicantes, se acentuar o rictus de um rosto nequelótico de onde já não vêm palavras mas, apenas, ameaças de silêncios tumulares, de um rosto onde já não brilha a inteligência e o amor humano mas apenas os fogos-fétuos dos cemitérios repressivos.

A tentação da verdade é tanto maior quanto maior for o espectáculo da mentira,

Quetzal é um pássaro

Quetzal é um pássaro da Guatamala

Quetzal é um pássaro que se mata quando o metem na gaiola

Quetzal profere o suicídio à traição do instinto da espécie no baloiçar que paga, entreteendo, os carcereiros das migalhas

Quetzal é um pássaro da juventude, de uma juventude que tem o instinto da liberdade, de uma juventude que se quer livre voando nos campos imensos dos mais nobres ideais.

A juventude de Coimbra tem experiência desses longos voos e as asas que algramente botem poderão ser cortadas individualmente mas não à espécie.

A juventude de Coimbra sabe hoje que os seus cânticos de amor e de coragem, os seus voos de liberdade a definem como espécie humana.

Não há gaiolas que cheguem para sepulcro dos pássaros da liberdade. E se para eles não há Primavera haverá Outono. Todas as estações são boas para o bater de asas da liberdade, para o gorjeio melódico da justiça.

A terapêutica da repressão poderá ganhar uma batalha mas não ganhará uma juventude e assim os seus voos de liberdade hão-de continuar, o seu chilrear hão-de redobrar e o seu gorjeio se tornará mais melódico.

Por isso, seja-nos permitido um grito de urgência - a urgência de enterrar os mortos; a urgência da rega das sementes; a urgência de substituir à vaidade do poder, ao turbulento perfume da mentira, ao vultoso das varinhas repressivas a vaidade do diálogo democrático, do alarugeado da verdade, do bater-de-asas de uma juventude que, no seu gorjeio colectivo e nos seus ruídos de vôo, apenas se orienta pelo seu instinto de justiça, pelo seu instinto de servir a espécie humana, na construção de novos ninhos, onde o homem português se possa iniciar na aprendizagem dos nossos cantos de coragem, dignidade e humanidade, no bater-de-asas que lho permita ascender nos voos de novos ideais que umbulezarão os céus de um PORTUGAL NOVO.

COIMBRA, 16 de Julho de 1969

A Direcção-Geral da A.A.C.,